



CORPOS QUE (NÃO) IMPORTAM: MASP E A ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

Camila R. Delano de Castro

Prof. Dr. Ruy Sardinha Lopes

Instituto de Arquitetura e Urbanismo/Universidade de São Paulo

camiladelano@usp.br

Objetivos

A presente pesquisa foi financiada pelo Programa Unificado de Bolsas da Universidade de São Paulo e integra as pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos das Especialidades Contemporâneas (NEC-USP), sediado no Instituto de Arquitetura e Urbanismo, no campus de São Carlos, e coordenado pelo professor doutor Ruy Sardinha Lopes.

Partindo da pressuposição de Paiva (2021) da existência de uma “virada decolonial” da arte brasileira, a presente pesquisa buscou investigar o papel e presença da arte indígena contemporânea em exposições e acervo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). Tendo como base teórica as reflexões de Judith Butler e Michel Foucault sobre os processos de assujeitamento e formação de regimes de visibilidade procurou-se refletir sobre a importância das instituições artísticas e curadorias nos processos de decolonialidade em curso.

Métodos e Procedimentos

A pesquisa tem um caráter descritivo e interpretativo, tendo como base um levantamento documental, bibliográfico e iconográfico e posterior análise e sistematização dos dados obtidos.

Resultados

Analisando como se dá a presença da arte indígena no Masp, vemos uma trajetória complexa que se inicia junto à própria concepção do museu, no projeto de Lina Bo Bardi com suas propostas expositivas e narrativas em conjunto com a revista Habitat, em sua incorporação das culturas populares e indígenas.

Não obstante a importância do projeto e posições curatoriais de Lina Bardi, podemos afirmar que a visão colonialista hegemônica – que mantinha um interesse antropológico e tutelado pelas culturas indígenas e divergentes – predominou até bem recentemente.

Partindo de autores como Foucault e Butler podemos afirmar que a reiteração dessa visão institucional contribuiu para a consolidação de um sistema de representações das formas com as quais se dão relações como sensibilidade e sociabilidade, dificultando que esses sujeitos pudessem ser vistos e pensados a partir de seus valores culturais próprios.

Como afirma Fernanda Pitta em A “breve história da arte” e a arte indígena: a gênese de uma noção e sua problemática hoje (2021), tal processo não é exclusivo do Masp, mas da própria história da arte brasileira, regida por um habitus de ordem eurocêntrica, cujos modelos e técnicas diziam mais respeito a uma paisagem e um tecido cultural completamente diferente.

A partir de um conjunto de ações em 2013, flexionadas em 2015, com a entrada do diretor artístico Adriano Pedrosa, o museu adota sua retórica de revisar as noções da história da arte, compreendendo seu espaço enquanto promotente de genealogias sobre práticas e materialidades sociais. Seu apogeu se dá na exposição Histórias Indígenas (2023) em que se fazem presentes curadores e artistas indígenas em uma expressividade excepcional, se articulando com publicações, palestras e cursos oferecidos naquele ano.

Essas mudanças no regime de visibilidade, além de serem impulsionadas pelos tensionamentos políticos do Brasil, também refletem um movimento recente mais amplo do mundo das artes nacional e internacional.

Nesse sentido, a arte indígena contemporânea possui um caráter radicante (Ranciére). Muitos artistas indígenas utilizam sua obra como uma forma de ativismo, abordando questões como a luta por direitos territoriais, a preservação ambiental, e a resistência contra a exploração e opressão. Ao manter vivas tradições ancestrais e ao reinterpretá-las de forma contemporânea, a arte indígena se posiciona contra as hegemonias culturais que tentam homogeneizar e silenciar vozes dissidentes.

Essas mudanças refletem uma visão de futuro em que os museus se tornam mais inclusivos, diversificados e comprometidos com a justiça social, funcionando como agentes de mudança e espaços de resistência cultural.

Conclusões

Ainda que não possamos restringir esse processo ao Brasil e nem mesmo isentar as “guinadas” institucionais – e do MASP – das ambiguidades e imposições do mundo da arte e suas tendências, a presença dessa produção artística indígena e de novas “máquinas de ver” no MASP é emblemática.

Não menos importante, nesse processo, é o papel de seu diretor, Adriano Pedrosa, que ao assumir a curadoria da Bienal de Veneza de 2024, deu um importante passo para a revisão, agora dentro de um dos principais palcos da sistema artístico mundial, do *habitus*

eurocêntrico a partir da produção artística e conceitual do Sul global.

Essas práticas artísticas se relacionam com a arte enquanto dissenso e ruptura, questionando as formas de sensibilidades conhecidas. A arte indígena contemporânea enquanto discurso estético responde diretamente às questões atuais, intervindo e buscando transformar a modos de ver e de se relacionar com o mundo. Tensionam de modo forte não apenas as instituições museais e seus mecanismos de legitimação, quanto exigem o reconhecimento e importância de outros regimes de visibilidade. Os questionamentos que podemos levantar sobre esse processo são diversos e complexos, mas só evidenciam a potencialidade da arte indígena contemporânea como um insurgente emblemático de nosso tempo.

Referências

- BUTLER, J. **Bodies that Matter**. On the discursive limits of “sex”. New York, Routledge, 1993
- COCOTLE, Brenda J. Caro. **Nós prometemos descolonizar o museu: uma revisão crítica da política museal contemporânea**. MASP Afterall, São Paulo, v. 6, 2019. Disponível em: <https://masp.org.br/arte-e-descolonizacao/>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2017
- PAIVA, Alessandra. **A virada decolonial na arte brasileira**. 1. ed. Bauru, SP: Mireveja, 2022. 240 p. ISBN 978-65-86638-31-8.
- PITTA, F. M. **A ‘breve história da arte’ e a arte indígena: a gênese de uma noção e sua problemática hoje**. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8666380>.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do Sensível**. São Paulo: Editora 34, 2009